

# FEMINISMO FASCISTA: UM DIÁLOGO

SOPHIE LEWIS E ASA SERESIN

TRADUÇÃO: AGNES DE OLIVEIRA E SUELI FELIZIANI



# FEMINISMO FASCISTA: UM DIÁLOGO

Sophie Lewis e Asa Seresin

**Tradução bibliopreta por:** Agnes de Oliveira e Sueli Feliziani

Texto originalmente publicado em *Transgender Studies Quarterly*, Volume 9, Number 3, 2022

Repúdios ao feminismo radical trans-excludente frequentemente assumem a forma de um chamado para retirar das TERFs o nome de *feministas*. Costuma-se argumentar que o TERFismo não é um “feminismo de verdade”, e, na mesma linha, às vezes se afirma que lésbicas expoentes da transmisoginia não fazem “realmente” parte da história queer. Asa Seresin e Sophie Lewis — ambas transplantadas da “Ilha TERF”, vivendo nos Estados Unidos — apresentam aqui uma abordagem diferente. Neste diálogo crítico, sugerimos que, se alguns feminismos são patriarcais e alguns lesbianismos estão investidos na branquitude, então feministas queer precisam se acostumar a posicionar algumas feministas — até mesmo queer — como suas inimigas. Com referência a seções minoritárias do arquivo do sufrágio lésbico britânico do início do século XX e, igualmente, do separatismo lésbico norte-americano dos anos 1970 (cujas herdeiras contemporâneas localizamos no movimento “crítico de gênero”), a discussão atenta para temas *fascistizantes* dentro do feminismo anglófono passado e presente, como a sacralização da fertilidade cis feminina e a homoerótica da semelhança. E se certos feminismos, historicamente, não apenas colaboraram com projetos de supremacia branca, mas na verdade constituíram fascismos em si mesmos? Como o fim da recusa em admitir que feminismos podem ser fascistas poderia, na verdade, fortalecer a organização transfeminista antifascista neste momento?



*Bloco transfeminista na manifestação antifascista, na Espanha, 2013*

**Sophie Lewis:** Olá, Asa. Estou muito contente com esta oportunidade de pensar com você sobre feminismos fascistas e suas eróticas. Até agora, há uma quantidade significativa de trabalhos acadêmicos sobre a conexão entre fascismo e homoerotismo masculino, mas muito pouco, até onde sabemos, sobre a economia libidinal da formação equivalente na história das mulheres. Da mesma forma, temos visto ultimamente um grande número de excelentes trabalhos arquivísticos sobre os empreendimentos antilibertários das mulheres (eugenistas, “mães da resistência massiva”, mulheres proprietárias de escravizadas etc.), mas não tanto sobre o caráter às vezes especificamente feminista desses supremacismos brancos e como poderíamos apreendê-lo. Ambas de nós percebemos um certo Eros percorrendo o arquivo da ala de extrema-direita dos direitos das mulheres: ele nos parece palpável nos prazeres que algumas encontram em exercer um autoritarismo maternalista, na euforia da visão de mundo da feminilidade-como-sofrimento, no apego ferido [*wounded attachment*] que sustenta o separatismo cis de mesmo sexo. Você comentou — especificamente no contexto do Reino Unido — que “o compromisso com a miséria, em ser uma ‘mulher sangrentamente difícil’, é um dos principais motores afetivos da insistência britânica em uma posição anti-trans e anti-trabalho sexual” (Seresin 2021). Para mim, isso realmente aponta a autossatisfação do feminismo nacional em questão, que é, aliás, conservador mesmo quando cultivado entre apoiadoras do Partido Trabalhista, por exemplo. Você ajudou a destacar uma marca de arrogância que, uma vez nomeada, se torna bastante inconfundível para muitos de nós com vínculos próximos à Grã-Bretanha: a *Englishwomanhood*<sup>TM1</sup> sem desculpas, um populismo tão grandioso que beira o autoerotismo. (Estou pensando em todas as *hashtags* TERF que evocam uma exibição desafiadora de úteros, vaginas, seios, cromossomos XX, em termos que me remetem ao romance do *Blitz*.) Acho que estava sentindo algo nessa direção quando especulei sobre o fetiche sem sentido que impulsiona centralmente as TERFs britânicas (Lewis 2019), e sou grata a você por completar esse quadro mental.

**Asa Seresin:** Oi, Sophie! Também estou entusiasmado por termos esta conversa.

**SL:** Imagino que iremos de assuntos que vão do neopaganismo às *leatherdykes*; das sufragistas “civilizadoras” às advogadas antipornografia; da Sra. Pankhurst à Posie Parker; e da *Ku Klux Klan* feminina ao “TAnon” (o análogo da mais famosa rede QAnon, que foca especificamente na conspiração “globalista” de, digamos, transgenerizar as crianças dos EUA).

Em caso de dúvida, não estamos falando do vasto arquivo de ação reacionária que, por acaso, foi criativamente empreendida e supervisionada por mulheres (por exemplo, pró-eugenia, pró-segregação, pró-linchamento, genocídio colonial, pró-vida). Estamos falando dos momentos em que essa ação foi vivida e enquadrada como feminismo.

---

<sup>1</sup> N.T.: Podemos traduzir a expressão *Englishwomanhood* como “mulheridade inglesa”.

Vou dar brevemente dois exemplos do desconforto que surge imediatamente quando estudiosos levam ao pé da letra declarações fascistas do feminismo. Kathleen Blee (1991), em sua pesquisa sobre mulheres da Klan dos anos 1920, descobriu que o feminismo desempenhou, de fato, um papel importante em sua ideologia. Resenhistas de Blee, no entanto, apressaram-se em explicar que esse feminismo era “insincero” ou “falso”. Da mesma forma, em *Hurrah for the Blackshirts!*, Martin Pugh (2006: 144) mostra como o culto à personalidade de Emmeline Pankhurst, a União Social e Política das Mulheres (WSPU), renunciou as ditaduras do entreguerras, e documenta como a União Britânica de Fascistas (BUF) (à qual muitas sufragistas aderiram) “revestiu grande parte de sua propaganda em termos distintamente feministas”. Mas ele recua em seguida, insistindo: “Tudo isso representava uma expressão feminina do fascismo, e não feminismo” (144). Nós não temos tanta certeza. Achamos que Pugh é rápido demais em purificar e absolver o “feminismo” aqui.

**AS:** Exato. Queremos adotar uma abordagem diferente. E se certas formas de feminismo, historicamente, não apenas colaboraram com projetos de supremacia branca, mas na verdade foram fascistas em si mesmas? Como o fim da recusa em admitir que feminismos podem ser fascistas poderia, na verdade, fortalecer a organização antifascista neste momento?

**SL:** Certo, antes de mergulharmos nesta conversa, devemos indicar brevemente nossas definições de trabalho tanto de *feminismo* quanto de *fascismo* — esses termos aparentemente antitéticos? Você se sente confortável em chamar de “feminismo” qualquer projeto que busque ampliar a esfera de ação para um sujeito humano (individual ou coletivo) feminino, feminino-identificado ou oprimido de gênero? Você está de acordo em entender o fascismo como uma matriz fundamentalmente colonial de dominação, cujos cultos buscam impor, entre outras coisas, a reprodução correta às populações humanas, via eugenia tanto positiva quanto negativa? Se sim, como devemos abordar a questão de sua sobreposição? Também estou ansiosa para ouvir você descrever os contornos de seu compromisso em evolução (ou não) com essa rubrica internamente cindida, o feminismo, a partir do seu ponto de vista.

**AS:** Quando se trata de nossa definição de feminismo, acho que já nos deparamos com um problema: agitar em nome das mulheres e agitar em nome de sujeitos oprimidos de gênero são dois projetos bem diferentes — e isso antes mesmo de entrarmos no problema de quem tem permissão de entrada na categoria de mulher. Como você mencionou, parte do que estamos tentando fazer aqui é resistir a um impulso purificador em relação ao feminismo. É politicamente e teoricamente inútil descartar todos os feminismos supremacistas brancos, ou transfóbicos, ou de outra forma opressivos como “não sendo feminismo de verdade”. Isso é particularmente verdadeiro, dado que a imposição de um regime de gênero normativo, a partir do qual pessoas não brancas são codificadas como

desviantes, foi parte de tantos projetos coloniais. Já aqui, então, iluminamos uma conexão mais próxima entre fascismo e feminismo do que normalmente se reconhece, baseada no entendimento de Aimé Césaire (2000: 36) do fascismo como a aplicação “à Europa dos procedimentos colonialistas que até então haviam sido reservados exclusivamente aos árabes da Argélia, aos *coolies* da Índia e aos ‘n—s’ da África”. Acho útil manter essa definição de fascismo ao lado do seu artigo de opinião de 2019 no *New York Times*, “Como o feminismo britânico se tornou anti-trans”.

Ali, você escreve:

*A Grã-Bretanha imperial impôs políticas para reforçar a heterossexualidade e o binarismo de gênero, ao mesmo tempo em que construía o “outro” racial não apenas como fundamentalmente diferente, mas carregado de ameaça sexual; daí, não é um grande salto ver ameaça sexual em qualquer tipo de “outro” e “realidades biológicas” como essenciais e imutáveis. (De forma significativa, muitas feministas irlandesas rejeitaram o TERFismo britânico, citando sua experiência com o colonialismo explicitamente como parte da razão.) (Lewis 2019b)*

Historiadoras que estudam o papel das mulheres em movimentos fascistas frequentemente expressam surpresa pelo fato de mulheres investirem em uma ideologia política que é intrinsecamente antifeminista e misógina. No entanto, as próprias fascistas expressavam forte crença de que o fascismo tinha algo a oferecer às mulheres, e eu não acho que devemos nos apressar em descartar isso como falsa consciência. O fascismo de fato tinha muito a oferecer a certos subconjuntos de mulheres brancas comprometidas em sustentar a supremacia branca, assim como normas sociais conservadoras em torno da família, da moralidade religiosa e da pureza social. Martin Durham (1998: 11–12) observa que, em sua reunião de fundação, “o movimento fascista italiano adotou um programa que incluía um chamado para que as mulheres tivessem tanto o direito ao voto quanto o direito de ocupar cargos públicos. (...) No final de 1921, cerca de 2.000 mulheres já pertenciam ao movimento, e o jornal partidário de Bolonha já se referia ao ‘feminismo fascista’ ao descrever militantes locais.” Benito Mussolini reafirmou essa promessa de conceder às mulheres o voto na Conferência de Roma de 1923 da *International Alliance of Women* — uma organização fundada por Millicent Fawcett e Susan B. Anthony, entre outras —, onde foi o palestrante de abertura. Enquanto isso, durante o interrogatório após sua prisão em 1940, Oswald Mosley declarou sua crença na “completa igualdade entre homens e mulheres” (29). Essa retórica ecoa a literatura fascista anterior, como um artigo de 1934 da revista *Blackshirt*, que afirmava que “o fascismo vê as mulheres como complementares e iguais ao homem” (apud Gottlieb 2021: 102).

Talvez não seja surpresa que os movimentos fascistas em geral não tenham cumprido suas promessas de oferecer “igualdade” social e política às mulheres. Historicamente, anunciar a intenção de defender a igualdade de gênero por meio do aprofundamento dos papéis de gênero

sempre foi um modo de sinalizar desonestidade. Mas, recentemente, as TERFs têm retomado esse tropo de forma séria. Em seu livro *The Greater Britain* (1932), Mosley argumentou: “Queremos homens que sejam homens, e mulheres que sejam mulheres” (apud Durham 1998: 29; ênfase no original). Essa afirmação soa como uma refutação antecipada da conhecida declaração de que “mulheres trans são mulheres”. Nesse sentido, antecipa a retórica do movimento crítico de gênero, cujo desejo mais fervoroso é, em seus próprios termos, o reconhecimento estatal da “realidade” da diferença sexual e da impossibilidade da transição de sexo/gênero.<sup>2</sup> As TERFs adoram se fixar na frase “mulheres trans são mulheres”; Helen Joyce (2021: 10) escreve:

*“O que primeiro me intrigou na ideologia da identidade de gênero foi a circularidade de seu mantra central, ‘mulheres trans são mulheres’, que levanta e deixa sem resposta a questão do que, então, significa a palavra ‘mulher’. O que me levou a pensar mais foi a vilificação de qualquer um que a questionasse.”*

Aqui, Joyce projeta a “circularidade” e a incoerência do pensamento transfóbico sobre as próprias pessoas trans. Este é um ponto importante de convergência entre fascismo e TERFismo: uma celebração anti-intelectual da percepção intuitiva e uma celebração da incoerência epistêmica como se fosse uma virtude.<sup>3</sup> (Um ponto de convergência relacionado — o antissemitismo — surgiu em particular em torno do livro de Joyce, que alega que a “agenda global” trans é financiada por um obscuro cabal de bilionários judeus.)<sup>4</sup> Tenho que admitir que ri alto no momento em que Joyce (2021: 7) afirma:

*“Já que a evolução equipou os humanos com a capacidade de reconhecer o sexo das outras pessoas, quase instantaneamente e com precisão requintada, pouquíssimas pessoas trans ‘passam’ como o sexo desejado.”*

Sua celebração extasiada do instinto evolucionário (essa palavra *requintada!*) alinha-se perfeitamente com a tradição intelectual anti-intelectual do fascismo.

---

<sup>2</sup>Em *Trans: Where Ideology Meets Reality*, Helen Joyce (2021: 96) escreve: “Mesmo à medida que a classe de ‘mulheres’ se torna ‘alguns machos e algumas fêmeas, sem traços objetivos em comum’, os corpos femininos continuam a existir.” Mais adiante, ela acrescenta: “As palavras ‘masculino’ e ‘feminino’ não podem significar tanto biologia quanto identidade. E deixando de lado a questão espinhosa do que poderia significar sentir-se masculino ou feminino, por que tal sentimento importaria, se ser masculino ou feminino não importa?” (139). Kathleen Stock (2021: 149), por sua vez, afirma: “Se mulheres trans são mulheres, elas não são ‘mulheres’ no mesmo sentido em que fêmeas humanas adultas são ‘mulheres’. Se homens trans são homens, eles não são ‘homens’ no mesmo sentido em que machos humanos adultos são ‘homens’.” Subjacente a toda essa pontificação, podemos ler um eco do desejo de Moseley: homens que são homens, e mulheres que são mulheres.

<sup>3</sup>Mark Hayes (2014: 21) descreve essas qualidades como marcadores distintivos do pensamento fascista inglês: “O que era necessário, acreditavam os fascistas, era um retorno a instintos mais saudáveis e confiáveis — instintos que haviam sido embotados por anos de contemplação sem vida. ... As ‘ideias’ fascistas podiam ser contraditórias e confusas, e os próprios fascistas não apenas reconheciam e aceitavam sua incoerência teórica, como isso era positivamente celebrado como um sinal de sua vitalidade.”

<sup>4</sup>Christa Peterson (2021) e Jules Joanne Gleeson (2021a), entre outros, desenterraram evidências de Joyce reconhecendo publicamente a influência de Jennifer Bilek, uma teórica da conspiração antissemita. Por sua vez, Bilek (2021) a acusou de plágio.

**SL:** Como você sabe, seu ponto aqui está em sintonia com o argumento publicado — e depois vergonhosamente censurado — que Judith Butler apresentou em uma entrevista com a editora de *Transgender Marxism*, Jules Gleeson, em nada menos que o *Guardian*, o venerável jornal liberal cujo escritório no Reino Unido é notoriamente antagônico às pessoas trans. (Membros do escritório norte-americano do *Guardian* chegaram até a denunciar sua contraparte de Londres por conta de seu TERFismo.) Butler (2021) foi cautelosa: apenas disse que “o movimento antigênero é uma das vertentes dominantes do fascismo em nosso tempo.”. Então, talvez devamos parar um momento e esclarecer que, embora todas as *TERFs* sejam críticas de gênero, nem todas as críticas de gênero são *TERFs*. Por mais que, na prática, os dois círculos pareçam se confundir, a parte *RF* de *TERF* — ou seja, o argumento radical feminista pela exclusão das pessoas trans — marca o TERFismo como distinto da posição mais ampla, não feminista e, de fato, frequentemente antifeminista, que considera a “ideologia de gênero” prejudicial à sociedade ou maléfica. Porém, acrescentamos aqui, explicitamente, que não podemos assumir *a priori* que não haja feministas — inclusive feministas radicais — dentro da vertente “antigênero” do fascismo contemporâneo.

Foi uma pequena minoria de feministas radicais heterossexuais e lésbicas que, historicamente, promulgaram e depois dobraram a aposta em uma concepção trans-excludente da primazia da classe sexual (ou seja: a sexuação binária ao nascimento como um eixo primário da opressão humana em relação à classe, e também em relação à racialização). O feminismo radical de forma alguma é representado por essa minoria. No entanto, a política racial do feminismo dessa minoria merece ser levada a sério. Como diversos estudiosos já argumentaram — María Lugones, Emi Koyama e Marquis Bey são os nomes que, para mim, vêm imediatamente à mente —, há uma branquitude não dita nessa concepção diádica e cissexualista do mundo. Gostaria de ver ainda mais trabalhos nesse sentido, focados, por exemplo, em situar os mecanismos ideológicos TERFistas em contexto histórico, especificamente em termos de seus interesses raciais. Podemos lembrar como, por séculos, mulheres brancas na Europa e nos Estados Unidos ao mesmo tempo analogaram sua causa à luta antiescravista e antirracista e dela se diferenciaram, popularizando a noção de que “a mulher é o n——r do mundo”, por exemplo, e lutando com unhas e dentes contra a ideia (tô falando de você, Elizabeth Cady Stanton) de que poderia ser “a hora do Negro”. Durante décadas, como Alyosxa Tudor (2002) argumentou, as *TERFs* têm temporizado sua organização de modo a desviar (e diminuir) a atenção do movimento por vidas negras. Certamente notei muitas pessoas nas redes sociais comentando algo que também me chamou fortemente a atenção na época: o dia em que J. K. Rowling (2020b) tuitou incendiariamente, “‘Pessoas que menstruam’. Tenho certeza de que costumava haver uma palavra para essas pessoas. Alguém pode me ajudar? Wumben? Wimpund? Woomud?”, foi mais ou menos o dia em que a mídia finalmente percebeu que a insurreição mundial desencadeada pelo assassinato de George Floyd não era um mero lampejo passageiro. Foi como se

Rowling quisesse desviar a atenção da antinegritude e, em vez disso, fomentar preocupação com o suposto “apagamento das mulheres”.

Acrescento uma última sugestão. Além de prestar mais atenção a essa dinâmica potencialmente anti-antirracista, anticapitalistas de esquerda poderiam se beneficiar ao lembrar que a crença na primazia da classe sexual foi um ingrediente relevante (embora de forma alguma suficiente, é claro) da identidade fascista. Klaus Theweleit (1987: 169) demonstra exaustivamente em *Male Fantasies* que “um dos traços primários dos fascistas é atribuir maior importância à batalha dos sexos do que à luta de classes.” Como seus pontos sobre Mussolini e Mosley nos lembram, é perfeitamente possível ser um defensor supremacista branco da igualdade de gênero.

**AS:** Há um momento interessante em *Feminine Fascism* de Julie Gottlieb (2021: 5), em que ela culpa o reducionismo de classe comunista por “atrofiar o desenvolvimento” do antifascismo feminista. Acho que isso é uma injustiça com a longa tradição do antifascismo feminista, ao mesmo tempo em que transforma os movimentos comunistas em bodes expiatórios pelo fato de algumas mulheres terem sido atraídas pelo fascismo. De todo modo, para retornar à sua pergunta anterior sobre meu compromisso com o feminismo, fico feliz por estarmos escrevendo isso juntas, porque o meu não é tão duradouro quanto o seu, penso. Cresci exatamente na tradição do feminismo britânico que estamos criticando — frequentei a mesma escola secundária fundada por sufragistas que Maya Forstater, a TERF demitida por transfobia cujo caso ganhou, famosamente, o apoio de Rowling. Quando adolescente, lembro de ouvir uma professora fazer comentários depreciativos sobre outra estudante por usar niqab, já que nós estávamos em uma instituição feminista. Um ano depois que saí, o clube feminista estudantil conseguiu fazer lobby junto ao posto de gasolina Tesco em frente à escola para que parasse de vender “*lad’s mags*” (revistas pornográficas softcore). A raiva que sinto como alguém anteriormente interpelada por essa forma de feminismo é algo que você também compartilha, acredito. Isso me tornou especialmente atente aos movimentos intelectuais e políticos por inocência, seja a “memeficação” da superioridade ética queer ou a misandria banalizada do tipo “homens são lixo” (Seresin 2019). Sophie, você poderia me contar mais sobre sua relação com o feminismo?

**SL:** Como a maioria dos estudiosos queer, tenho debatido longamente a questão da des/identificação com o “feminismo”. Nem a sugestão de Monique Wittig de que lésbicas não são mulheres, nem a denúncia de Lugones, baseada na perspectiva lésbica, sobre a colonialidade da política centrada na mulher me pareceram particularmente chocantes quando as encontrei pela primeira vez. Ao mesmo tempo, as provocações antifeministas do meu pai me fizeram sentir como feminista no nível mais elemental, desde que me lembro. Dá para ver que estou agonizando sobre esta resposta! Especialmente porque é você — minhe amiga Asa — me perguntando se sou

feminista nas páginas da *TSQ*, minha resposta poderia se estender muito. Poderia primeiro esclarecer que se opor ao feminismo (o que às vezes se manifesta como chamar o feminismo de “fascista”) é, em si, um movimento fascista. Depois, poderia falar sobre minha oposição total ao femonacionalismo, maternalismo, femocracia, misandria, moralismo sexual e feminismo liberal. Poderia descrever a alienação (no melhor dos casos) e a aversão (no pior) que experimentei em relação aos feminismos encontrados “na vida real”, desde a adolescência. Poderia, ainda assim, afirmar meu anti-anti-feminismo profundo e instintivo. Mas você tem razão: em outros contextos e humores, a questão é menos ambígua para mim do que para você. Sou uma “feminista contra a família”, afinal; uma feminista contra a cisidade (como Heaney coloca);<sup>5</sup> uma partidária do “feminismo abolicionista” de Beth Richie. Percebo misoginia a quilômetros de distância. Minha infância europeia queer, branca e de classe média foi imersa em emoção antipatriarcal incandescente! Por fim, penso que na verdade vejo a “feministidade” [*feministness*] como algo parcialmente fora do controle e escolha individuais, como uma relação de reconhecimento social. Por exemplo, minha feministidade muitas vezes foi atribuída a mim, por mim, apenas por me observarem na rua. Essa atribuição não está errada. Quero dizer: eu realmente me “identifico”. Os prazeres intensos e justos da feministidade são potentes. A adição a esse sentimento justo me impediu, por muitos anos, de me sintonizar (e aprender a lutar) contra a femmefobia feminista, a whorefobia feminista<sup>6</sup>, o antinegrismo feminista, o capacitismo, o cissexismo, o orientalismo, e assim por diante. Mas também, pessoas AFAB gordas, sem sutiã, com axilas peludas como eu (e muitas TERFs...) são amplamente “lidas” como feministas, em público, independentemente de nossa fala.

**AS:** Anteriormente você mencionou “apegos feridos”. Quero que agora nos concentremos na questão da erótica e por que estamos tentando iluminar o apelo especificamente erótico do feminismo fascista. Dado que o fascismo se define tão veementemente contra a liberdade sexual, a queeridade e a erótica, pode surpreender algumas pessoas que escolhamos pensar através do termo *eróticas*. O que você acha que essa perspectiva ilumina sobre o impulso fascista dentro do feminismo?

**SL:** Acho útil nomear o frisson erótico nos feminismos fascistas e fascistizantes, porque revela a verdade sobre aquele “compromisso com o sofrimento” que essas atuantes ostentam, certo? Há um tipo de destino excitante e sacrificial que acompanha a condição de ser assim chamada de mulher-nascida-mulher, aos olhos dos participantes do feminismo eugênico. Esse destino (que elas fingem querer evitar, mas na verdade buscam avidamente, por exemplo, um apocalipses de misoginia cis

---

<sup>5</sup> O segundo livro de Heaney, *Feminism against Cisness*, é uma coletânea editada de ensaios de estudiosos do *trans studies* que usam métodos anticoloniais, marxistas e feministas negras para abordar os muitos legados do surgimento histórico da ideia de que o sexo determina a experiência sexual.

<sup>6</sup> N.T.: Fobia contra trabalhadoras sexuais.

como *The Handmaid's Tale*) é, para elas, épica e belamente irresistível. Há recompensas homo-, hetero- e autoeróticas a serem obtidas aqui, e em abundância. Jules Joanne Gleeson (2021b) especulou recentemente sobre “um vício em gatilhos reflexos de repulsa” nas feministas que invadiam sua conta no Twitter. Isso está bem colocado. A promessa de recompensas libidinais após o alistamento no TERFismo é um segredo parcialmente aberto. Momentos de diversão são claramente sugeridos na expressão popular *Prosecco Stormfront*, por exemplo (referindo-se ao fórum britânico Mumsnet, um centro fervilhante de organização TERF). Tudor (2020), de forma semelhante, define TERFismo como “uma atividade que você faz por prazer”. Uma peça da propriedade biopolítica está sendo defendida, indignadamente — com luxúria. Vou tentar parafrasear: o corpo sacrossanto da Mãe é cercado por todos os lados por ladrões e mentirosos, apenas para ser adicionalmente caricaturado por impostores, uma impostura que os governos então consagram em lei, criando leis que honram esse impostor, essa farsa, da mesma forma que a Mulher deveria ser honrada!! E apenas outras mulheres legítimas podem possivelmente compreender a brutalidade dessa indignidade. Mas homens como Derrick Jensen e Graham Linehan podem ser amplamente elogiados por “protegerem” as mulheres...

Como narrativa de fantasia de extinção, tudo isso é bastante gótico. O que me levou à mente: você se lembra do meme da internet por volta de 2016 (cuja origem me é desconhecida, honestamente) em que a quase assassina TERF Cathy Brennan era ridicularizada como uma “gótica falsa”? Tenho uma teoria pessoal de que feministas fascistas, em sua capacidade de (falsas) góticas, concordam fundamentalmente com Edgar Allan Poe (1846: 165) que “a morte de uma mulher bonita é, sem dúvida, o tema mais poético do mundo.” Suponho que estou afirmando que a emergência milenar de “apagamento feminino” imaginada por Mary Daly, Sheila Jeffreys e Janice Raymond é um desastre iminente que a cisgeneridade [*cisterhood*] ama, à maneira de Cassandra, odiar.

Revelar a presença dessa intoxicação apocalíptica ou excitação auto-sacrificial em alguns discursos feministas pode ser útil simplesmente porque facilita entender o apelo que essas mitologias exercem sobre seres humanos feminilizados (geralmente brancos, mas nem sempre). Em *The Trouble with White Women: A Counterhistory of Feminism*, fiquei satisfeita ao descobrir que Kyla Schuller (2021: 200) concorda conosco: “A política TERF tem uma erótica.” Kyla analisa a interação textual entre Daly e Raymond como carregada de desejo e erotismo. Mas é um erotismo fetichista da castidade, penso, e não é desvinculado das crises febris de pudor maternal coletivo organizadas pelo TAnon, com suas fantasias de tráfico infantil e contágios de “início rápido” de transgeneridade entre os jovens da América (Gill-Peterson 2021; Leveille 2021). O espaço para apaixonar-se pelo romance da própria coragem moral firme, e da de suas irmãs feministas, ressoa

para mim com o romance do feminismo eugênico de maneira mais geral que inclui figuras como Charlotte Perkins Gilman, Margaret Sanger, Kathleen Mayo, Sarojini Naidu e Indira Gandhi (Nadkarni 2014; Ziegler 2008). O feminismo eugênico repousa sobre uma narrativa emocionante sobre o papel redentor e central da mulher como autora e guardiã da raça regenerada e renascida: uma história cujos maiores defensores são, paradoxalmente, às vezes lésbicas.

Falando nisso: conte-me mais sobre as sufragistas lésbicas fascistas.

**AS:** Antes, mencionei que para muitas mulheres o apelo do fascismo residia em sua promessa de consagrar sua identidade como mães, proteger a família e promover a pureza social. No início de 2021, passei a me interessar por um grupo de mulheres que achava o fascismo atraente por motivos bastante diferentes. Chamei-as de lésbicas fascistas, mas isso é realmente um equívoco, não apenas porque, nesse momento do início do século XX, “lésbica” ainda era uma categoria emergente e não necessariamente um termo que essas pessoas aplicavam a si mesmas, mas também porque muitas delas poderiam estar mais próximas do que hoje pensamos como transmasculinas (não que os dois sejam sempre mutuamente exclusivos). “A” aristocrata britânica e membra do BUF (*British Union Of Fascists*), Rotha Lintorn-Orman, por exemplo, se vestia como figuras masculinas (como Papai Noel e “um avô”) em eventos sociais fascistas; “a” atleta francesa e depois nazista Violette Morris fez dupla mastectomia para caber melhor em seu *cyclecar* (ao menos, essa era sua justificativa).<sup>7</sup> Outras, como Mary Sophia Allen, que atuou como policial ao lado de sua parceira Margaret Damer-Dawson, eram masculinas, mulheres *butch* que enfatizavam publicamente sua mulheridade, mesmo que suas vidas privadas fossem outra história (Allen era chamada de Robert e “Sir” por pessoas que conhecia pessoalmente). A política fascista de Allen girava em torno de sua crença de que a sociedade precisava drasticamente de “mulheres policiais” — ela viajou à Alemanha para falar com Adolf Hitler pessoalmente sobre isso — e escreveu uma autobiografia em três volumes com “mulher” e “lady” em todos os títulos (*The Pioneering Policewoman, A Woman at the Crossroads* e *Lady in Blue*).

Para Allen, as mulheres policiais eram vitais para a aplicação do feminismo da pureza social em público. Ela acreditava que “mulheres policiais, ao patrulhar parques e ruas, poderiam proteger as crianças” (Durham 1998: 44), uma tarefa para a qual os homens eram presumidos intrinsecamente inadequados. Há uma estranha convergência de desejos aqui, típica do arquivo do fascismo lésbico e feminista. Por um lado, o entusiasmo fervoroso de Allen em servir como policial (durante anos, voluntariamente, ao ponto de ser sancionada pelo Estado) parece, ao menos parcialmente, enraizado em sua identidade queer masculina — penso em seu desejo de ser chamada de “Sir”. Ao mesmo tempo, ela fundamenta seu argumento sobre a necessidade de mulheres

---

<sup>7</sup> N.T.: Optamos por colocar aqui os pronomes femininos entre aspas, na medida em que se trata, justamente, da possibilidade de aproximação das “lésbicas fascistas” do que hoje pensamos como “transmasculinidades”

policiais na ideologia familiar, na proteção da inocência infantil. Essa é sua área de expertise, então passo a palavra para você agora. Claramente, o fascismo investe profundamente na *futuridade reprodutiva branca* e na unidade da família nuclear branca. Estamos acostumados a opor a queeridade de forma confortável a esse tipo de política. O que você acha do movimento das mulheres policiais, impulsionado pela combinação da ideologia familiar e da masculinidade (trans) queer? Você vê alguma relação com a forma como TERFs lésbicas atuais se fixam em definir a feminilidade via capacidade reprodutiva, mesmo onde o próprio lesbianismo frequentemente impede mulheres de conceber crianças biologicamente?

**SL:** Você levanta um ponto importante. O conceito de *homonacionalismo*, com seu peso supremacista branco de “valores familiares”, é praticamente sempre ilustrado com referência a casais gays (brancos) casados, como Pete e Chasten Buttigieg. Por que não Cressida Dick, comissária da Polícia Metropolitana de Londres, e sua parceira (oficial de polícia) Helen Ball? Aliás: o movimento das mulheres policiais está longe de estar morto. Durante os levantes anti-polícia de 2020, uma série de editoriais (da *Ms. Magazine* à *CNN*) defendiam que departamentos de polícia contratassem mais mulheres, pois se supõe erroneamente que policiais femininas não assassinam pessoas negras. Em particular, por sua condição de mulheres, teriam os melhores interesses das crianças em mente. Em outubro de 2020, a *National Fraternal Order of Police* tuitou uma foto de uma policial branca de Filadélfia, com os olhos semicerrados em piedade maternal, com os braços envolvendo um pequeno menino negro de dois anos. A legenda dizia: “Esta criança se perdeu durante os violentos motins em Filadélfia, andando descalça por uma área em completa anarquia. A única coisa com que esta policial de Filadélfia se preocupava naquele momento era proteger esta criança.”<sup>8</sup> Isso foi propaganda fascista descarada, tornada ainda mais escandalosa pelo fato, como se descobriu depois, de que a própria polícia de Filadélfia havia arrancado a criança de sua mãe mais cedo naquele dia (essa mulher, Rickia Young, recebeu US\$ 2 milhões em indenização). Essa história circular é um exemplo perfeito do antagonismo irreduzível de classe entre cuidadoras racializadas e proletarizadas e o que poderia igualmente ser chamado, na tradição carcerária-eugênica, de *Ordem Maternal Nacional da Polícia*.

Como você percebe, há tanta tensão e contradição aparentes nesse arquivo de policiais femininas, notadamente entre as identificações das policiais com a masculinidade estatal e suas reivindicações do princípio da autoridade maternal feminina sobre a população. Mas talvez a maternidade (como instituição) tenha sido sempre simplesmente o outro lado da moeda do fascismo paternal, o “bom policial” em contraposição ao mau da paternidade. O gênero certamente se estende às militares lésbicas transfóbicas e às feministas brancas *femonacionalistas* de hoje: mulheres como Miriam Ben-Shalom, ex-sargenta do Exército dos EUA e colaboradora da antologia pagã e anti-

<sup>8</sup> Para cobertura jornalística desse incidente, veja, por exemplo, Shepherd (2020).

gênero *Female Erasure*, cujas declarações de lealdade à “torta de maçã, maternidade e bandeira americana” são públicas. Pesquisando as raízes históricas da explosão do feminismo governamental islamofóbico na Alemanha — feminismo que aproveitou um caso de agressão sexual em massa ocorrido em Colônia na véspera de Ano Novo de 2015 para promover políticas de fronteira anti-muçulmanas — descobri que Colônia foi, na verdade, onde a *Prussian Weibliche Kriminalpolizei* (WPK) começou em 1923. A WPK era o departamento feminino de polícia criminal da Alemanha, cujas oficiais eram responsáveis por crianças e adolescentes, expandindo-se enormemente sob o nazismo. Conhecer a WPK me deu uma perspectiva adicional, digamos, sobre a adulação que a principal representante da segunda onda transfóbica da Alemanha, a feminista lésbica Alice Schwarzer dedicou ao Departamento de Polícia de Colônia em 2016, por ter defendido os corpos de mulheres e meninas alemãs nativas das mãos apalpadoras do que as novas feministas do Pegida (*Patriotic Europeans Against the Islamicization of the Occident*) chamavam de “refugiados estupradores islâmicos”.<sup>9</sup>

Para evitar dúvidas, enfatizamos novamente que existem muitas correntes vitais e libertadoras na política lésbica. A maioria da organização lésbica da década de 1970 parecia ser transinclusiva (Heaney 2016) e, em grande parte, também abolicionista da família, no sentido de comunal, antiestatal, anticapitalista, polimaternalista e libertária das crianças (penso aqui nas contribuições de Kay Lindsey para a antologia *Black Woman* de Toni Cade Bambara, publicada em 1970). Sou, como você sabe, extremamente afeiçoada às *Wages Due Lesbians*, um momento histórico de maternando-contra-a-maternidade [*mothering-against-motherhood*].

E é precisamente por isso que me sinto tão repelida quando certas radfems, hoje, usam o lesbianismo (sejam ou não elas próprias lésbicas) como um tipo conservadorismo dos “valores familiares” e “pensem nas crianças”. Feministas heterossexuais que se identificam como “crítica de gênero” e afirmam lutar contra a lesbofobia, em particular, parecem proferir online os apelos mais tradicionais à autoridade moral da maternidade que se possa imaginar. Normalmente, pedem que o Estado carcerário apoie essa autoridade. Enquanto isso, o fórum britânico *Mumsnet*, extremamente popular, se declara “um exército de mães”, cuja porcentagem de combatentes lésbicas é notoriamente pequena, mas onde feministas constantemente discutem preocupações sobre “apagamento lésbico”. (Essa mesma dinâmica pode ser observada na infame carta aberta anti-trans de Rowling (2020a), preocupada com lésbicas sendo “chamadas de intolerantes por não namorarem mulheres trans com pênis”). Não posso dizer qual proporção do TERFismo contemporâneo é realmente liderada por lésbicas, em oposição à mulheres heterossexuais que usam lésbicas como espécie em perigo emblemática, mas minha impressão distinta é de que a proporção é mínima.

---

<sup>9</sup>Para mais informações sobre Alice Schwarzer e suas declarações *femonacionalistas* sobre homens muçulmanos, consulte Hark e Villa (2020).

Infelizmente, não é zero (cf. “Get the L Out”). Eu mesma testemunhei feministas socialistas lésbicas declaradas se contorcendo em eventos marxistas, defendendo fundamentalmente uma definição de feminilidade como “secreção cíclica de hormônio luteinizante”. Kathleen Stock, a deprimente e influente acadêmica lésbica, está muito investida em purificar a definição de sexualidade lésbica para excluir fetiches e pênis (sejam de carne ou silicone).

Diante de toda essa atrocidade, minha pergunta para você é: como evitar trivializar a denúncia analítica (tão cara à Stock) da “lesbofobia” social, ao mesmo tempo em que se combate o feminismo-de-neo-pureza-social? Você concorda que lésbicas têm boas razões para serem reticentes em se ver ou ver suas antecessoras implicadas no fascismo? Poderia refletir sobre a distinção que fazemos entre os impulsos fascistas de um indivíduo ou subcultura e o assunto bastante diferente do fascismo de um Estado ou aparelho governamental? Em segundo lugar, poderia nos explicar o conceito de *homoerótica da semelhança* e o que ele nos ajuda a fazer aqui?

**AS:** Como mencionei antes, senti-me conflituoso com o título que escolhi para o ensaio curto sobre Lintorn-Orman, Allen e outros, “Fascismo Lésbico na Ilha TERF”. Não quero sugerir que descobri algum arquivo massivo de fascismo lésbico ou reforçar a impressão de que lésbicas e pessoas trans estão em guerra entre si. Ao mesmo tempo, ao escolher um título tão provocativo, queria contrapor a ideia reflexiva de que lésbicas são intrinsecamente progressistas e inocentes, conceito que tem grande circulação atualmente. Cada vez mais, meu trabalho se orienta a questionar criticamente o papel do “queer” na cultura contemporânea como um totem de pureza política. Como Kadji Amin (2017) observa, esse “impulso de idealização” existe também na teoria queer, e fui profundamente inspirado pela heurística de desidealização que ele apresenta em *Disturbing Attachments*. Sou atraído por projetos de desidealização como *Bad Gays* de Huw Lemmey e Ben Miller (2019–presente), que traça a história de pessoas queer bagunçadas, cruéis e até abertamente malignas — incluindo bastantes fascistas. Ao mesmo tempo, é revelador que só na temporada 3 — após vinte e seis episódios! — eles tenham apresentado uma lésbica. Escrever “Fascismo Lésbico na Ilha TERF”, que chamei de *fan fiction* de *Bad Gays*, foi também uma forma amorosa de dissenso contra a ideia de que lésbicas são intrinsecamente pessoas melhores ou que lesbianismo e fascismo são incompatíveis.

Em um ensaio de 1992, “Of Catamites and Kings”, Gayle Rubin descreve uma tendência subcultural para práticas excludentes e até fascistas dentro da cultura lésbica:

*Apesar de teoricamente abraçar a diversidade, a cultura lésbica contemporânea tem uma profunda veia de xenofobia. Confrontadas com fenômenos que não se encaixam perfeitamente em nossas categorias, lésbicas já responderam com histeria, intolerância e desejo de eliminar as realidades bagunçadas ofensivas. Às vezes prevalece uma “síndrome de clube do campo”, em que a comunidade lésbica é tratada como um*

*enclave exclusivo do qual o rebanho indesejado deve ser sistematicamente expulso. ... Ao longo dos anos, grupos lésbicos tentaram periodicamente purgar transexuais MTF, sadomasoquistas, lésbicas butch-femme, bissexuais e até lésbicas que não eram separatistas. FTMs são outra caça às bruxas esperando acontecer.*

Não é por acaso que os termos que Rubin usa aqui — xenofobia, intolerância, eliminar, expurgar e purgar — evocam inclinações de extrema-direita. Ao mesmo tempo, você está totalmente certa de que há uma distinção importante entre uma tendência subcultural e o fascismo direto. Por mais excludentes que suas comunidades possam ser, lésbicas não estão bem posicionadas para mobilizar os recursos do Estado a seu favor (de fato, são mais propensas a serem alvos de perseguição estatal). De forma semelhante, acho correto questionar “qual proporção do TERFismo contemporâneo é realmente liderada por lésbicas” e destacar a injustiça de lésbicas terem que responder pelo absurdo bioessencialista e queerfóbico cometido por transfóbicas em seu nome.<sup>10</sup>

Dito isso, espero que fique claro que não estou interessado em atacar lésbicas por considerá-las especialmente fascistas, mas sim em desmistificar o mito de que há algo inerente à cultura lésbica que a protege de abrigar fascismo. Como mencionei acima, a co-implicação histórica entre fascismo e homosocialidade/homoerotismo masculino branco é amplamente reconhecida. Um tropo crucial dessa co-implicação é o que temos chamado de *homoerótica da semelhança*. Na cultura gay masculina, isso assume a forma de valorizar um modelo masculino branco, hiper-musculoso, padronizado, como ideal gay. Também podemos reconhecê-lo no fenômeno do *twinning*: quando dois homens idênticos namoram entre si. Bobby Benedicto (2019: 283) escreveu sobre o narcisismo mórbido do *twinning* gay e o fato de que, “por definição, o *twinning* não pode acomodar diferença racial; seu narcisismo necessariamente colide com outra proibição: a proibição do desejo interracial.”

A cultura lésbica não tem investimento comparável no *twinning*, mas, como reflexão final, quero ler a história da intolerância lésbica feminista contra butch/femme como parte desta tradição da *homoerótica da semelhança*. Em quarentena, assisti ao documentário de 1992 *Framing Lesbian Fashion* e fiquei impressionado com o que algumas entrevistadas diziam sobre a estética *frumpy* lésbica feminista dos anos 1970, que várias chamavam de “uniforme”.<sup>11</sup> Claro, usar um uniforme

<sup>10</sup> Em *Trans*, Joyce (2021: 63) — uma mulher heterossexual “gender critical” — apresenta-se como representante de uma vanguarda intelectual à qual pessoas gay estão alcançando: “Um número crescente de gays está despertando para a ligação [entre transição e homofobia]. Ouvi a afirmação de que a afirmação de gênero seria uma ‘terapia de conversão gay pós-moderna’.” Como a maior parte das evidências em que seu livro se apoia, não há citação para essa frase, permitindo a Joyce o truque retórico de colocar palavras na boca de uma pessoa gay. Na realidade, e leitor não tem evidência de que uma pessoa hetero ou gay disse isso, nem razão para acreditar que Joyce não tenha simplesmente inventado.

<sup>11</sup>Um entrevistado, Sally Gearhart, observa: “Era quase um uniforme. Todo mundo tinha suas botas pesadas e todo mundo tinha seus jeans, e geralmente suas camisas não passadas e geralmente os botões ‘Free Angela’ pendurados nas camisas, e o cabelo geralmente era curto... esse era praticamente o figurino ou uniforme.” Outra, Carmen Daria

por si só não indica fascismo. Mas a forma como o uso desse uniforme era imposto — e os dissidentes, particularmente lésbicas butch/femme, condenados — merece atenção. Em *Pleasure and Danger*, Joan Nestle (1984: 236) escreve:

“A mensagem para as fems durante os anos 1970 era que éramos os ‘Tio Tom’ do movimento. Se eu usasse as roupas aceitáveis do movimento — sapatos robustos, macacão, camisa de trabalho e mochila — então eu era digna de confiança.”

A vigilância sobre quem se desviava do “uniforme” das “roupas aceitáveis do movimento” revela um investimento na semelhança, na ideia de que se pode e deve demonstrar compromisso com uma posição social/política através da estética. Mais importante, revela uma estreiteza de imaginação sobre o que seria a identidade lésbica. Como muitos apontaram, há uma conexão indelével entre a femmefobia em certas comunidades lésbicas e a transmisoginia de mulheres cis heteros que codificam mulheres trans como traidoras regressivas da causa feminista. Isso fica evidente em textos como o artigo de opinião de Elinor Burkett (2015) no *New York Times* sobre Caitlin Jenner, intitulado *What Makes a Woman?* (O que faz uma mulher?), no qual ela indica com desdém que Jenner está usando o uniforme errado:

“Um novo ensaio fotográfico e entrevista na *Vanity Fair* ... nos ofereceu um vislumbre da ideia de mulher de Caitlyn Jenner: um corpete realçando o decote, poses sedutoras, rímel grosso e a perspectiva de regulares ‘noites de garotas’ de conversa sobre cabelo e maquiagem.”

Falando em uniformes — quero terminar em nota menos sombria, mencionando o que sei, Sophie, ser um dos seus filmes favoritos. *Mädchen in Uniform* (Meninas em Uniforme) é uma história de amor lésbico em internato que, de forma bastante extraordinária, foi feita na Alemanha em 1931.

**SL:** O filme de Leontine Sagan (1931) é uma visão de antiautoritarismo queer-judaico, solidariedade sáfica e libertação infantil. Discute habilidosamente as seduções afetivas e estéticas do fascismo, argumenta pela urgência (em meio à decadente República de Weimar!) de uma política anti-heróica e culmina em um final no qual, simbolicamente ao menos, as meninas retiram seus uniformes e encarnam uma política de “universalidade contingente”, como Ewa Majewska (2021: 151) em *Feminist Antifascism* chama, ciente de que o amor por si só não é suficiente, porque afinal, “há [também] amor no cerne da mobilização fascista.” Acho que esse talvez seja um dos melhores pontos para encerrar este diálogo: honrar a história do antifascismo feminista e/ou lésbico, mesmo enquanto — de fato, porque — insistimos em estar atentas à não sinonímia entre feminismo e antifascismo e às artes coletivas pelas quais eles são, sempre contingentemente, tornados sinônimos. Obrigada novamente, Asa, por se engajar nessa exploração mútua comigo.

---

Morrison, afirma: “Nos anos 70, quando as lésbicas tinham uma espécie de ‘uniforme’, eu estava começando a me assumir, então, é claro, eu também usei aquele uniforme” (Everett 1992).

AS: Obrigado, Sophie!

---

**Sophie Lewis** é uma escritora que vive na Filadélfia e leciona cursos sobre feminismo, teoria utópica e políticas anti-trabalho no Brooklyn Institute for Social Research. Seu primeiro livro foi *Full Surrogacy Now: Feminism against Family* (2019) e o segundo, publicado em outubro de 2022, é *Abolish the Family: A Manifesto for Care and Liberation*. Os ensaios de Sophie — sobre temas que vão desde “maternando contra a maternidade” até o eros do polvo — foram publicados em revistas acadêmicas como *Signs* e *Feminist Theory*, bem como em revistas não acadêmicas como *Boston Review*, *New York Times*, *n+1*, *Dissent*, *The Baffler*, *Harper’s* e *London Review of Books*. Sophie estudou literatura inglesa (bacharelado) e, posteriormente, política ambiental (mestrado) na Universidade de Oxford, seguido de política (mestrado) na New School for Social Research e geografia humana (para seu doutorado) na Universidade de Manchester. Atualmente, ela é informalmente pesquisadora visitante no *Alice Paul Center for Research in Feminist, Queer and Transgender Studies* da Universidade da Pensilvânia, subsiste graças a um Patreon e tuíta em @reproutopia.

**Asa Seresin** é escritor e doutorando em Inglês pela Universidade da Pensilvânia, onde também está cursando uma certificação em estudos de gênero, sexualidade e mulheres. Sua pesquisa se concentra principalmente na heterossexualidade e nas culturas de heteronegatividade. Ele é bacharel em Literatura Comparada pela Universidade de Harvard e mestre em Inglês pela Universidade de Cambridge, e vive entre Filadélfia e Londres.

## REFERÊNCIAS:

Amin, Kadji, 2017. *Disturbing Attachments: Genet, Modern Pederasty, and Queer History*. Durham, NC: Duke University Press.

Barrett, Ruth, ed. 2019. *Female Erasure*. n.p.: Tidal Time.

Benedicto, Bobby. 2019. “Agents and Objects of Death: Gay Murder, Boyfriend Twins, and Queer of Color Negativity.” *GLQ* 25, no. 2: 273–96.

Bilek, Jennifer (@bjportraits). 2021. “Your interview of me in 2020, for this book, proved fruitful, I see.” Twitter, July 21, 10:17 p.m. <https://twitter.com/bjportraits/status/1418032364798754816>.

- Blee, Kathleen. 1991. *Women of the Klan: Racism and Gender in the 1920s*. Berkeley: University of California Press.
- Burkett, Elinor. 2015. "What Makes a Woman?" *New York Times*, June 6. <https://www.nytimes.com/2015/06/07/opinion/sunday/what-makes-a-woman.html>.
- Butler, Judith. 2021. "Judith Butler: 'We Need to Rethink the Category of "Woman."'" Interview by Jules Joanne Gleeson. *Guardian*, September 7. <https://theguardian.com/lifeandstyle/2021/sep/07/judith-butler-interview-gender>
- Césaire, Aimé. 2000. *Discourse on Colonialism*. Translated by Joan Pinkham. New York: Monthly Review Press.
- Durham, Martin. 1998. *Women and Fascism*. London: Routledge.
- Everett, Karen, dir. 1992. *Framing Lesbian Fashion*. San Francisco: Frameline. Alexander Street. [https://search.alexanderstreet.com/preview/work/bibliographic\\_entity%7Cvideo\\_wor%7C1854235](https://search.alexanderstreet.com/preview/work/bibliographic_entity%7Cvideo_wor%7C1854235).
- Gill-Peterson, Jules. 2021. "From Gender Critical to QAnon: Anti-trans Politics and the Laundering of Conspiracy." *New Inquiry*, September 13. <https://thenewinquiry.com/from-gender-critical-to-qanon-anti-trans-politics-and-the-laundering-of-conspiracy>.
- Gleeson, Jules Joanne (@socialrepro). 2021a. "@HjoyceGender please don't sue me, but is it true you interviewed Jennifer Bilek in 2020?" Twitter, July 22, 5:27 p.m. <https://twitter.com/socialrepro/status/1418321817304027144>.
- Gleeson, Jules Joanne (@socialrepro). 2021b. "Please don't row with people in my mentions." Twitter, September 11, 7:09 p.m. <https://twitter.com/socialrepro/status/1436829162623455235>.
- Gottlieb, Julie. 2021. *Feminine Fascism: Women in Britain's Fascist Movement, 1923–1945*. London: Bloomsbury.
- Hark, Sabine, and Paula-Irene Villa. 2020. *The Future of Difference: Beyond the Toxic Entanglement of Racism, Sexism, and Feminism*. Translated by Sophie Lewis. London: Verso.
- Hayes, Mark. 2014. *The Ideology of Fascism and the Far Right in Britain*. London: Red Quill.
- Heaney, Emma. 2016. "Women-Identified Women: Trans Women in 1970s Lesbian Feminist Organizing." *TSQ* 3, nos. 1–2: 137–45.
- Joyce, Helen. 2021. *Trans: Where Ideology Meets Reality*. London: Oneworld.
- Lemmey, Huw, and Ben Miller. 2019–present. *Bad Gays*. Podcast. <https://badgayspod.com/>.

- Leveille, Lee. 2021. "The Mechanisms of TAnon: What Is 'TAnon'?" *Health Liberation Now*, April 12. <https://healthliberationnow.com/2021/04/12/the-mechanisms-of-tanon-what-is-tanon>.
- Lewis, Sophie. 2019. "How British Feminism Became Anti-trans." *New York Times*, February 7. <https://nytimes.com/2019/02/07/opinion/terf-trans-women-britain.html>.
- Majewska, Ewa. 2021. *Feminist Antifascism: Counterpublics of the Common*. London: Verso.
- Nadkarni, Asha. 2014. *Eugenic Feminism: Reproductive Nationalism in the United States and India*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Nestle, Joan. 1984. "The Fem Question." In *Pleasure and Danger: Exploring Female Sexuality*, edited by Carol S. Vance, 232–41. Boston: Routledge.
- Peterson, Christa (@christapeterso). 2021. "In her new book, the Economist's Helen Joyce claims the trans 'global agenda' is 'shaped' by three Jewish billionaires." Twitter, July 17, 11:25 p.m. <https://twitter.com/christapeterso/status/1416599964214448130>.
- Poe, Edgar Allan. 1846. "The Philosophy of Composition." *Graham's Magazine* 28, no. 4: 163–67.
- Pugh, Martin. 2006. *Hurrah for the Blackshirts! Fascists and Fascism in Britain between the Wars*. London: Penguin.
- Rowling, J. K. 2020a. "J. K. Rowling Writes about Her Reasons for Speaking Out on Sex and Gender Issues." June 10. <https://www.jkrowling.com/opinions/j-k-rowling-writes-about-her-reasons-for-speaking-out-on-sex-and-gender-issues/>.
- Rowling, J. K. 2020b. "'People who menstruate.'" Twitter, June 6, 5:35 p.m. [https://twitter.com/jk\\_rowling/status/1269382518362509313](https://twitter.com/jk_rowling/status/1269382518362509313).
- Rubin, Gayle. 2012. "Of Catamites and Kings" In *The Gayle Rubin Reader*, 241–53. Durham, NC: Duke University Press.
- Sagan, Leontine. 1931. *Mädchen in Uniform*. Berlin: Bild und Ton.
- Schuller, Kyla. 2021. *The Trouble with White Women: A Counterhistory of Feminism*. New York: Bold Type.
- Seresin, Asa. 2019. "On Heteropessimism." *New Inquiry*, October 9. <https://thenewinquiry.com/on-heteropessimism>.
- Seresin, Asa. 2021. "Lesbian Fascism on TERF Island." Asa Seresin website, February 11. <https://asaseresin.com/2021/02/11/lesbian-fascism-on-terf-island>.

Shepherd, Katie. 2020. "Police Took a Black Toddler from His Family's SUV." Washington Post, October 30. <https://washingtonpost.com/nation/2020/10/30/philadelphia-fop-posts-toddler>.

Stock, Kathleen. 2021. *Material Girls: Why Reality Matters for Feminism*. London: Little, Brown.

Theleweit, Klaus. 1987. *Male Fantasies*. Vol. 1. Translated by Stephen Conway. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Tudor, Alyosxa. 2020. "Terfism Is White Distraction: On BLM, Decolonising the Curriculum, Anti-gender Attacks, and Feminist Transphobia." *Engenderings* (blog), June 19. <https://eprints.soas.ac.uk/33114>.

Ziegler, Mary. 2008. "Eugenic Feminism: Mental Hygiene, the Women's Movement, and the Campaign for Eugenic Legal Reform, 1900–1935." *Harvard Journal of Law and Gender* 36, no. 1: 211.